CAPÍTULO 9

LINGUÍSTICA DA LIBRAS: ESTRUTURA GRAMATICAL, VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E USOS SOCIAIS NA COMUNIDADE SURDA

https://doi.org/10.68044/25t65j15

Marcia Francisca Diogo Rodrigues [1]
Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB).

Vanderleia Maria Castoldi Andrade [2]
Mestra em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR).

Rivaldo Pereira da Costa [3]
Especialista em Docência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela UNITENSE e graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Leonardo Magnum dos Santos Freitas [4]
Especializando em Ensino de Libras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Bianor dos Santos Netto [5]
Graduado em Letras Libras/Português pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Rivael Mateus Fabricio [6]
Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

RESUMO: Este artigo discute a Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir de três eixos complementares: estrutura gramatical, variação sociolinguística e usos sociais na comunidade surda. Trata-se de estudo bibliográfico construído com base em pesquisas sobre fonologia, prosódia, morfologia, semântica, iconicidade, variação fonético-fonológica, mudança lexical, contato linguístico e práticas discursivas. A análise evidencia que a Libras apresenta organização interna complexa, articulando parâmetros manuais e não manuais, relações morfossintáticas e mecanismos semânticos próprios de uma língua visuoespacial. Também demonstra que a heterogeneidade é constitutiva de seus usos, manifestando-se em diferenças regionais, individuais e históricas, sem comprometer a estabilidade do sistema. Os estudos examinados mostram ainda que empréstimos, ampliação lexical, gestualidade e circulação em novos espaços sociais participam da dinâmica linguística. Conclui-se que compreender a Libras exige integrar descrição estrutural e abordagem sociolinguística, reconhecendo seus usos efetivos, sua diversidade e a centralidade da comunidade surda, como agente de produção e transformação da língua.

Palavras-chave: Libras; Estrutura gramatical; Sociolinguística; Variação linguística; Comunidade surda.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocupa, no cenário linguístico brasileiro, uma posição que exige análise simultaneamente estrutural e social. A descrição de seus mecanismos gramaticais demonstra que se trata de uma língua com organização interna própria, enquanto a observação de seus usos evidencia que essa organização não existe separada das comunidades que a produzem, transmitem e transformam. A modalidade visuoespacial altera os recursos físicos mobilizados na expressão linguística, mas não elimina princípios gerais que caracterizam as línguas naturais, como produtividade, sistematicidade, variação, mudança, construção de significados e

adequação ao contexto. Por isso, uma abordagem da linguística da Libras que se restrinja à identificação de sinais ou à comparação vocabular com o português não é suficiente para compreender a complexidade de seu funcionamento.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais consolidaram uma ruptura importante com concepções que as reduziam a gestos espontâneos, mímica ou representações dependentes das línguas orais. Passos (2026, p. 2), ao retomar o marco inaugurado por William Stokoe, mostra que a identificação de unidades menores e de parâmetros articulatórios permitiu reconhecer organização fonológica nos sinais. Na formulação recuperada pela autora, Stokoe (1960 *apud* Passos, 2026, p. 2) compreende os sinais como estruturas complexas cujos elementos podem ser analisados e recombinados. Configuração de mão, localização e movimento aparecem como componentes fundamentais, posteriormente ampliados e refinados pelos estudos das línguas sinalizadas. Essa tradição de pesquisa sustenta a análise da Libras em diferentes níveis e demonstra que sua materialidade visual não corresponde a ausência de estrutura.

A estrutura gramatical, entretanto, não se limita aos parâmetros manuais. Estudos contemporâneos mostram a relevância das expressões não manuais, do corpo e do espaço para a fonologia, a prosódia, a sintaxe e a construção de significados. Paiva et al. (2018, p. 1136) observam que movimentos do corpo e expressões faciais

podem diferenciar itens lexicais, participar da construção sintática e contribuir para a intensificação. Souza e Battisti (2021, p. 363) acrescentam que movimentos de cabeça, boca, face e torso se articulam às expressões manuais e podem desempenhar funções prosódicas, inclusive na delimitação de constituintes. Assim, o funcionamento da Libras depende de uma coordenação corporal que não pode ser reduzida ao movimento das mãos isoladamente.

A análise gramatical também envolve a relação entre níveis de organização. Máximo (2024, p. 900) propõe compreender o funcionamento da Libras por interfaces, destacando a simultaneidade dos parâmetros fonológicos e a articulação entre morfologia, sintaxe e semântica. Na perspectiva apresentada pela autora, a configuração de mão, a locação, o movimento, a orientação da palma e as expressões não manuais participam de um sistema em que diferentes dimensões gramaticais se inter-relacionam. Essa formulação é especialmente produtiva para afastar uma visão fragmentada da língua, pois mostra que fenômenos observados na superfície da sinalização podem exercer funções simultâneas em mais de um nível de análise.

Ao lado da descrição estrutural, a Sociolinguística oferece instrumentos indispensáveis para compreender a heterogeneidade da Libras. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 686-689) discutem variação, mudança, contato linguístico e aspectos sócio-históricos da comunidade de sinalizantes, ressaltando que categorias

tradicionalmente aplicadas às línguas orais também precisam ser mobilizadas no estudo das línguas sinalizadas. Essa perspectiva impede que uma variante regional, geracional, estilística ou individual seja interpretada automaticamente como erro. Ao contrário, a diversidade de formas pode revelar a dinâmica de uma língua em uso e as relações estabelecidas por seus usuários em diferentes espaços sociais.

Pesquisas empíricas mostram que a variação ocorre em múltiplos níveis. Xavier e Barbosa (2014, p. 371-373) identificaram variação intersujeito e intrassujeito em parâmetros como configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não manuais. Em estudo posterior, Xavier e Barbosa (2017, p. 983-987) demonstraram que variabilidade e estabilidade podem coexistir na produção de itens lexicais, isto é, diferentes realizações de um sinal podem apresentar alterações articulatórias sem deixar de ser reconhecidas como ocorrências da mesma unidade. Essa constatação é central para compreender por que a variação não implica desorganização do sistema.

A dimensão regional também aparece de modo consistente. Batista (2024, p. 4, 21), ao analisar sinais relacionados a alimentos em três municípios de Alagoas, verificou que a variável regional apresentou resultados mais significativos que escolaridade e sexo na distribuição de variantes do corpus. Santos e Azevedo (2024, p. 121-

123), em estudo realizado na região metropolitana de São Luís, registraram diversidade na produção de um mesmo item lexical e ressaltaram a necessidade de ampliar pesquisas sociolinguísticas sistemáticas sobre a produção em Libras. Em Goiás, Silva e Gonçalves (2021, p. 1-3) identificaram alterações em registros lexicais e discutiram a relação entre coexistência de formas e mudança linguística. Esses trabalhos, tomados em conjunto, permitem observar a Libras como sistema dinâmico, atravessado por espaço, tempo, história e relações comunitárias.

Outro aspecto decisivo é o contato linguístico. A comunidade surda brasileira vive em contextos marcados pelo contato entre Libras e português e, em diferentes situações, entre a Libras e outras línguas de sinais. Machado e Quadros (2020, p. 171-173) descrevem empréstimos lexicais oriundos de outras línguas de sinais e mostram que circulação acadêmica, tecnologias, interações presenciais e outros espaços de encontro favorecem intercâmbios linguísticos. Diniz (2020, p. 452-453), ao estudar variação fonético-fonológica na letra manual “E”, evidencia como a datilologia se relaciona ao contato com o português e pode apresentar processos próprios de assimilação. Em vez de representar perda de autenticidade, esses fenômenos mostram que a Libras participa das mesmas dinâmicas de contato que caracterizam outras línguas.

A expansão dos domínios de uso também interfere na produção lexical. Carneiro (2016, p. 104-105) destaca que a circulação da Libras em espaços diversos cria necessidades de ampliação do léxico e que a comunidade surda participa da criação de novos sinais, recorrendo, entre outros recursos, à experiência corporal e ao input visual. Xavier e Ferreira (2021, p. 349-350) analisam processos de formação de sinais e mostram que a iconicidade pode participar de mecanismos morfológicos. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 1-3), por sua vez, demonstram que motivação e iconicidade não são equivalentes e que um mesmo item lexical pode combinar diferentes fontes de motivação. Essas pesquisas ajudam a compreender o léxico como dimensão produtiva e socialmente situada da gramática.

No plano semântico e discursivo, a necessidade de investigar a Libras em seus próprios termos também se torna evidente. Leite et al. (2022, p. 1-3) criticam a dependência de glosas em português como instrumento exclusivo de análise semântica e defendem procedimentos que recuperem relações de sentido estabelecidas entre sinais. Porto (2021, p. 23) mostra que, em narrativas sinalizadas, ações manuais podem acumular funções e desafiar classificações rígidas entre língua e gesto. A multimodalidade, portanto, não deve ser tratada como elemento externo à língua, mas como dimensão relevante para compreender o uso efetivo da Libras e sua construção discursiva.

Diante desse conjunto de questões, este artigo tem como objetivo discutir a Linguística da Libras articulando três eixos: a estrutura gramatical, a variação sociolinguística e os usos sociais na comunidade surda. Trata-se de um estudo bibliográfico e teórico, elaborado a partir de artigos científicos que investigam fonologia, prosódia, morfologia, sintaxe, semântica, iconicidade, variação fonético-fonológica, variação lexical, mudança, contato linguístico, empréstimos, gestualidade e ampliação lexical. A opção por relacionar esses campos decorre do entendimento de que descrever a língua e compreender seus usos não são tarefas separáveis: as formas gramaticais se realizam em práticas sociais concretas, enquanto os usos sociais operam sobre possibilidades e restrições do sistema linguístico.

A discussão está organizada de modo a partir da caracterização da Libras como sistema de modalidade visuoespacial e avançar para seus componentes fonético-fonológicos, prosódicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Em seguida, são examinadas a heterogeneidade sociolinguística, a variação regional, a mudança lexical, os contatos entre línguas e os processos de ampliação do léxico. Por fim, abordam-se usos sociais e discursivos, com atenção ao protagonismo da comunidade surda na produção, avaliação, circulação e transformação das formas linguísticas. Essa organização permite considerar a gramática não como conjunto imóvel de regras,

mas como sistema estruturado que se atualiza na experiência de seus sinalizantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A caracterização da Libras como língua natural exige reconhecer, antes de tudo, que modalidade e estrutura são dimensões distintas. A modalidade visuoespacial define meios de produção e percepção, mas não reduz a língua a imagens transparentes ou a gestos sem organização. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 687-688) recuperam a importância das pesquisas de Stokoe para a legitimação das línguas sinalizadas, sobretudo porque a descrição de unidades sublexicais permitiu demonstrar que essas línguas podem ser examinadas em níveis gramaticais, como fonologia, morfologia e sintaxe. O reconhecimento da estrutura foi decisivo para superar interpretações que associavam sinalização a pantomima e para inserir as línguas de sinais no campo sistemático da Linguística.

Passos (2026, p. 2-3) observa que a descrição inicial baseada em configuração de mão, localização e movimento abriu caminho para refinamentos posteriores. A possibilidade de combinar unidades menores e de estabelecer contrastes entre sinais mostra que a produção visual possui restrições e regularidades. A simultaneidade recebe destaque nessa organização: diferentemente de cadeias sonoras em que muitos segmentos são descritos sequencialmente, componentes de

um sinal podem ser realizados ao mesmo tempo. Isso não significa ausência de sequencialidade, mas uma organização em que simultaneidade e sequência precisam ser consideradas de acordo com a estrutura específica das línguas sinalizadas.

Máximo (2024, p. 900) amplia essa compreensão ao propor que a simultaneidade caracteriza não apenas unidades mínimas, mas o funcionamento gramatical da Libras em interfaces. A autora inclui entre os parâmetros fonológicos configuração de mão, locação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais e argumenta que esses elementos participam da articulação entre níveis morfossintáticos e semânticos. Sob esse enfoque, a análise de um sinal não pode ser totalmente separada do contexto estrutural em que ele ocorre, pois recursos espaciais, manuais e não manuais podem contribuir conjuntamente para relações gramaticais.

Essa natureza integrada é igualmente perceptível quando se considera a sintaxe. Máximo (2024, p. 914-915) aponta que a estrutura argumental dos verbos mantém relação com a ordem dos constituintes e que interrogação, negação e posse apresentam padrões de realização com restrições posicionais. O caráter visual e espacial, portanto, não elimina ordem e restrições; ao contrário, oferece recursos específicos para codificá-las. A exploração do espaço, por exemplo, participa de relações referenciais e de noções de posse, enquanto expressões não manuais podem contribuir para valores interrogativos e negativos.

A gramática da Libras precisa ser observada também na diferença entre forma e significado. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 1-3) discutem que a presença de motivação visual em sinais não equivale a transparência absoluta. Para os autores, arbitrariedade e iconicidade não são polos necessariamente opostos; um sinal pode ser arbitrário no sentido linguístico e, ao mesmo tempo, apresentar características motivadas. Essa distinção é importante porque impede a ideia de que a semelhança visual entre forma e referente retiraria da Libras seu caráter linguístico. O fato de um sinal explorar aspectos visuais de um conceito não o torna universal nem imediatamente compreensível por quem desconhece a língua.

Xavier e Ferreira (2021, p. 349-350) chegam à conclusão convergente ao examinar processos de formação de sinais. A iconicidade pode integrar mecanismos de criação lexical, mas sua atuação ocorre dentro de possibilidades fonológicas e morfológicas da língua. Em outras palavras, a seleção de traços visuais de um referente precisa ser codificada por recursos disponíveis no sistema. Desse modo, a estrutura não é substituída pela imagem; a experiência visual é linguisticamente recortada, convencionalizada e organizada.

A própria ampliação lexical confirma essa relação entre sistema e experiência. Carneiro (2016, p. 104-105, 115) analisa novos sinais criados em comunidade surda e identifica o uso de características físicas de referentes e de informações visuais na

formação lexical. A criação, entretanto, não ocorre de maneira ilimitada. O surgimento de um novo item precisa circular, ser reconhecido e tornar-se funcional para os sinalizantes, o que evidencia o papel da comunidade na consolidação das formas. A produtividade lexical, assim, é simultaneamente gramatical e social.

Compreender a Libras como sistema linguístico implica, portanto, abandonar dois reducionismos: de um lado, o que a interpreta como reprodução gestual direta do mundo; de outro, o que tenta descrevê-la exclusivamente por categorias derivadas do português. Sua estrutura apresenta propriedades compartilhadas com outras línguas e, ao mesmo tempo, recursos relacionados à modalidade visuoespacial. A descrição científica precisa preservar essa dupla dimensão, reconhecendo regularidades formais sem apagar a materialidade corporal, espacial e visual na qual a língua se realiza.

A fonologia das línguas de sinais tornou-se um dos campos centrais para demonstrar que os sinais possuem estrutura interna. Nos dados discutidos por Passos (2026, p. 2-7), a descrição parte da identificação de parâmetros e avança para questões relacionadas a unidades mínimas, sílaba, sequencialidade, simultaneidade e organização suprassegmental. A autora destaca que ainda existem desafios para uma transcrição fonética específica das línguas sinalizadas, mas isso não impede a descrição de padrões fonológicos. O problema metodológico, nesse caso, mostra a necessidade de

instrumentos adequados à modalidade visual, não a inexistência de fonologia.

Os parâmetros articulatórios fornecem um ponto de partida para a análise. Configuração de mão, localização e movimento constituem a base histórica da descrição; orientação, número de mãos, contato e marcações não manuais aparecem em pesquisas posteriores como dimensões relevantes. Xavier e Barbosa (2014, p. 371-373) demonstram que esses componentes podem variar em produções concretas sem comprometer necessariamente o reconhecimento lexical. A pesquisa com doze sinalizantes e sessenta sinais registrou variação tanto entre sujeitos quanto nas diferentes produções de um mesmo sujeito, indicando que a realização fonética não é idêntica em todas as ocorrências.

Essa evidência aproxima a análise fonético-fonológica da Libras de um princípio conhecido nas línguas orais: unidades abstratas possuem realizações concretas variáveis. Xavier e Barbosa (2017, p. 983-987) aprofundam essa questão ao enfatizar que variabilidade e estabilidade coexistem. Certos parâmetros podem ser mais estáveis em um item, enquanto outros admitem alternativas. Assim, duas produções não precisam ser fisicamente idênticas para serem percebidas como ocorrências da mesma unidade lexical. A estabilidade relevante é estrutural e perceptiva, não uma repetição mecânica de todos os movimentos.

O sinal QUERER, por exemplo, apresentou variação de movimento, de marcações não manuais e de número de mãos nas produções analisadas, mas conservou parâmetros considerados estáveis naquele conjunto de dados, como determinadas propriedades de configuração, orientação e localização (Xavier; Barbosa, 2017, p. 996-997). Esse tipo de evidência permite compreender a gramática como um sistema de restrições e possibilidades. Há traços cuja alteração pode permanecer dentro da mesma palavra e outros cuja modificação pode produzir contraste lexical ou gerar uma forma menos reconhecível.

A datilologia constitui outro campo produtivo para observar variação fonético-fonológica e contato. Diniz (2020, p. 452-453) investiga a letra manual “E” em contextos de soletração e sinais datilológicos e identifica processos de assimilação, propondo a existência de realizações alofônicas influenciadas pelo segmento vizinho. O estudo é relevante porque mostra que formas associadas ao alfabeto do português, ao entrarem em práticas de sinalização, podem submeter-se a processos próprios da produção manual e à organização fonológica da Libras. A datilologia não deve, portanto, ser entendida como simples reprodução estática da escrita.

Para além dos parâmetros manuais, a prosódia amplia significativamente a noção de estrutura. Souza e Battisti (2021, p. 363-366) explicam que expressões não manuais, como movimentos de

sobrancelhas, olhos, boca, cabeça e corpo, podem atuar na marcação de fronteiras prosódicas. Em seus dados, alterações manuais e não manuais aparecem coordenadas e ajudam a delimitar frase fonológica e frase entoacional. Esse funcionamento aproxima as expressões não manuais de recursos como acento e entonação nas línguas orais, embora sua realização utilize outros articuladores.

Os resultados de Souza e Battisti (2021, p. 379-380) mostram que alterações na configuração das sobrancelhas, mudanças na boca, piscar e semicerramento dos olhos podem contribuir para a delimitação de frase fonológica. Já a frase entoacional pode envolver reconfiguração mais ampla das expressões faciais e mudanças na posição de cabeça e corpo. O dado é importante porque demonstra que a gramática da Libras depende de informações simultâneas distribuídas pelo corpo. Descrever apenas o movimento das mãos faria desaparecer parte da estrutura prosódica efetivamente percebida pelos sinalizantes.

Paiva *et al*. (2018, p. 1136, 1152-1156) chegam a resultados convergentes ao investigar intensificação. Os autores analisaram um corpus de enunciados em diferentes modalidades e condições e observaram que alterações de boca, olhos, tronco e outros componentes não manuais participam da expressão de intensidade. Também registraram mudanças em duração, amplitude, repetição e uso das mãos. O fenômeno mostra que intensidade não precisa ser

expressa por um item lexical separado; ela pode ser codificada por modificações articulatórias e prosódicas que se integram ao sinal e ao enunciado.

A relevância das expressões não manuais torna-se ainda mais evidente quando se considera a negação. Paraíso Garcia e Lourenço (2024, p. 922-927, 933) analisam dados de corpus e verificam sentenças negativas com presença do sinal manual NÃO e outras em que predominam marcadores não manuais. Os autores destacam movimentos de cabeça e modificações da boca, entre outros recursos, como parte do sistema. Dessa forma, a negação não pode ser descrita exclusivamente por uma palavra equivalente a "não"; é uma construção que pode distribuir marcas por diferentes articuladores.

Esses resultados reforçam uma concepção ampliada de fonologia e prosódia para a Libras. A estrutura relevante inclui mãos, face, cabeça, tronco e espaço, com elementos que podem ocorrer simultaneamente e cumprir funções lexicais, prosódicas, sintáticas e semânticas. Tal organização também explica por que representações exclusivamente escritas em português são insuficientes para preservar todos os aspectos da sinalização. A descrição precisa recorrer a vídeo, anotação multimodal, sistemas de escrita ou outras estratégias capazes de registrar a temporalidade e a simultaneidade dos articuladores.

O estudo fonético-fonológico, portanto, não é apenas uma etapa de classificação de parâmetros. Ele oferece base para

compreender variação, formação lexical, prosódia, distinções gramaticais e inteligibilidade. Ao mostrar que há regularidades, contrastes, alofonia, estabilidade e variabilidade, as pesquisas afastam concepções normativas que confundem diferença de realização com erro e permitem analisar a Libras como sistema estruturado cujas formas concretas são produzidas por sujeitos em situações reais de uso.

A morfologia da Libras envolve processos de formação e modificação de sinais que precisam ser compreendidos à luz da modalidade visuoespacial. Xavier e Ferreira (2021, p. 349-350) observam que ainda há lacunas na descrição morfológica da língua e, por isso, analisam formações lexicais oriundas de sinalizações espontâneas e de pesquisas anteriores. O estudo evidencia que processos formais e iconicidade podem atuar conjuntamente. A criação lexical não é mero ato de imitar um referente; ela mobiliza recursos fonológicos disponíveis e os organiza em padrões reconhecíveis pela comunidade.

A iconicidade é especialmente relevante nesse debate porque, historicamente, foi usada de maneira equivocada para negar a natureza linguística das línguas de sinais. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 1-3) mostram que iconicidade, arbitrariedade, motivação e imotivação precisam ser distinguidas. Os autores identificam diferentes tipos de motivação associados a classificadores,

gestualidade, espacialidade, empréstimos do português, expressões não manuais e movimento. Um mesmo sinal pode apresentar mais de uma fonte de motivação, e nem toda motivação resulta em iconicidade. O sistema, portanto, combina convenção e motivação em diferentes graus.

Essa análise impede uma interpretação simplista de que um sinal icônico seria imediatamente decodificável por qualquer pessoa. O recorte visual adotado por uma língua é convencional. Comunidades diferentes podem selecionar aspectos distintos de um mesmo conceito e codificá-los com diferentes configurações, movimentos e localizações. A iconicidade participa da forma linguística, mas essa forma precisa ser aprendida e compartilhada. Assim, a dimensão visual não elimina a convencionalidade; ela oferece um conjunto de possibilidades que a língua organiza cultural e gramaticalmente (Medeiros; Rodero-Takahira, 2021, p. 3-7).

No processo de criação de sinais, Xavier e Ferreira (2021, p. 378-381) descrevem uma sequência de seleção, esquematização e codificação para explicar como uma dimensão visual de um conceito pode ser transformada em estrutura linguística. Primeiro, certos aspectos são selecionados; em seguida, são esquematizados, pois o corpo não reproduz todos os detalhes do referente; por fim, recursos fonológicos são escolhidos para codificar a estrutura selecionada. Esse

percurso evidencia que a iconicidade é mediada por operações linguísticas e cognitivas, não uma cópia direta da realidade.

Carneiro (2016, p. 104-105, 115) aproxima essa discussão da ampliação lexical. Em seu estudo, novos sinais foram analisados em relação à experiência corporal e ao input visual. Parte das formas observadas mobilizou características físicas dos referentes, como aspectos de locais, construções ou símbolos. O dado é relevante porque revela uma estratégia de nomeação que emerge da experiência visual da comunidade. Ao mesmo tempo, a circulação de novos sinais depende de práticas coletivas, uma vez que sua utilidade se relaciona aos espaços sociais nos quais os conceitos precisam ser nomeados.

A expansão lexical também decorre da entrada da Libras em domínios acadêmicos, tecnológicos, profissionais e institucionais. Carneiro (2016, p. 104-105) assinala que a ampliação da circulação social da língua cria demandas por novos itens. Isso implica reconhecer que o léxico não é um inventário fechado. Mudanças nas práticas sociais, surgimento de objetos, conceitos científicos, instituições e tecnologias podem produzir necessidades de nomeação. A comunidade surda, nesse processo, não é receptora passiva de termos: participa da criação, seleção, rejeição e estabilização de soluções lexicais.

O contato linguístico amplia ainda mais essas possibilidades. Machado e Quadros (2020, p. 178-180) mostram que itens oriundos

de outras línguas de sinais podem ingressar na Libras e passar por adaptações. Um empréstimo pode aproximar-se do núcleo lexical da língua, perdendo características de sua forma original e ajustando-se a restrições locais. O fenômeno evidencia que formação lexical e contato não são processos opostos. A incorporação de material externo pode resultar em formas que se integram à gramática receptora e passam a ser reconhecidas pelos sinalizantes.

A datilologia também participa da expansão lexical em contextos de contato com o português. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 692-693) discutem que formas soletradas podem sofrer processos de nacionalização, adequando-se aos contornos fonológicos do léxico nativo, reduzindo elementos ou incorporando recursos próprios. Diniz (2020, p. 452-453) demonstra, em nível fonético-fonológico, que a própria realização de letras manuais pode apresentar assimilação. Esses dados mostram que contato e morfologia se encontram na prática, pois materiais associados a outra língua podem ser reorganizados pelos mecanismos da Libras.

A noção de léxico precisa, por isso, ser pensada para além de uma lista de equivalências. Batista (2024, p. 4) destaca que itens lexicais se relacionam a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Em uma língua variável, a existência de diferentes sinais para conceitos semelhantes não representa necessariamente duplicação desordenada. As variantes podem indexar regiões, trajetórias e redes

de contato; podem ainda estar em competição durante processos de mudança. O léxico é um espaço privilegiado para observar simultaneamente organização gramatical e história social.

A produtividade morfológica e lexical da Libras evidencia que a língua possui meios internos de responder às necessidades comunicativas. Iconicidade, composição de recursos articulatórios, adaptação de empréstimos, datilologia, convenção comunitária e transformação de sinais podem participar dessa produção. Esses mecanismos demonstram que inovação não é ausência de regra. O novo item precisa ser realizável dentro das possibilidades do sistema e suficientemente compartilhado para funcionar socialmente. Por essa razão, descrição morfológica e análise sociolinguística se complementam na compreensão do léxico.

A sintaxe da Libras revela como relações gramaticais são organizadas por uma combinação de ordem, espaço, morfologia e marcações não manuais. Máximo (2024, p. 914-915) descreve a interdependência entre estrutura argumental do verbo e ordem dos constituintes, indicando que determinadas propriedades verbais impõem restrições à organização frasal. A autora também chama atenção para padrões de interrogação, negação e posse. A visualidade, nesse sentido, não corresponde a liberdade absoluta de ordenação; há condições estruturais que orientam a construção de sentenças e a interpretação das relações entre participantes.

As expressões não manuais constituem parte dessa sintaxe. Paraíso Garcia e Lourenço (2024, p. 927-933) mostram que negação pode combinar sinais manuais com movimentos de cabeça e modificações faciais. Há construções em que o sinal NÃO está presente e outras em que marcas não manuais desempenham papel central. A existência de diferentes padrões não deve ser lida como inconsistência: trata-se de possibilidades gramaticais cuja distribuição precisa ser investigada em corpus. A análise baseada em vídeo é especialmente importante porque permite observar componentes que uma glosa em português não registra de maneira suficiente.

Paiva *et al*. (2018, p. 1136, 1154-1156) demonstram algo semelhante na intensificação. Alterações em duração, amplitude, repetição e expressões não manuais afetam a interpretação sem exigir necessariamente um modificador lexical separado. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020, p. 311-312, 321) examinam a dimensão semântica dessas formas e registram interpretações relacionadas a ênfase, esforço, confirmação, completude, exagero e tensão. Assim, a estrutura do sinal e do enunciado pode contribuir para a composição de significado de modo gradativo e multimodal.

Esse tipo de fenômeno demonstra que uma tradução palavra por palavra é incapaz de explicar toda a gramática. Leite *et al*. (2022, p. 1-3) discutem o problema de tratar glosas em português como se fossem o próprio significado dos sinais. Os autores defendem uma

análise lexical que observe relações de sinonímia e hiponímia entre sinais e que recupere a competência semântica de sinalizantes proficientes. O ponto central é que uma palavra do português pode servir como recurso prático de identificação, mas não substitui a investigação das relações de sentido existentes na Libras.

Essa advertência é particularmente importante em contextos de bilinguismo social. Leite *et al*. (2022, p. 3) observam que recorrer ao português para explicar sinais é prática comum, mas isso pode ocultar nuances semânticas. Uma mesma glosa pode ser associada a sinais cujos usos, extensões de sentido e restrições contextuais não são idênticos. Do mesmo modo, um sinal pode apresentar uma rede de sentidos que não se deixa reduzir a uma única palavra. A descrição semântica precisa, portanto, explorar contextos de uso e relações paradigmáticas dentro da própria língua.

A necessidade de uma representação mais autônoma aparece claramente quando os autores criticam aquilo que denominam dependência das glosas. O problema não é proibir o português em pesquisas sobre Libras, mas impedir que a língua de análise seja confundida com a língua analisada. Vídeos, imagens, sistemas de escrita de sinais e anotações multimodais podem complementar as glosas e preservar características que seriam perdidas em uma representação exclusivamente verbal (Leite *et al*., 2022, p. 20-22).

A dimensão semântica também se relaciona à iconicidade. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 3-7) lembram que a motivação formal de um sinal não determina integralmente seu significado. Mesmo quando uma forma remete visualmente a um aspecto do referente, seu valor é estabelecido no sistema e no uso. Xavier e Ferreira (2021, p. 378-381) mostram que o processo de codificação seleciona recursos fonológicos para representar aspectos esquematizados do conceito. A semântica, assim, envolve tanto experiências visuais quanto convenções e relações internas da língua.

A análise de sintaxe e semântica evidência, em síntese, a inadequação de separar rigidamente componentes manuais, não manuais, espaciais e lexicais. A Libras pode distribuir informação gramatical por vários articuladores; pode usar modificações da forma para expressar intensidade; pode mobilizar espaço para relações referenciais e possessivas; e pode organizar sentidos em redes não equivalentes às palavras do português. Uma abordagem gramatical consistente precisa tratar esses recursos como partes integradas de um sistema, evitando interpretações baseadas apenas em equivalência lexical.

A Sociolinguística parte da compreensão de que a língua se realiza em comunidades, sob condições históricas e sociais concretas. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 689) sintetizam essa orientação ao afirmar que “não existe língua fora do contexto social”. A frase é

especialmente relevante para a Libras, porque a descrição de seu sistema não pode ser desvinculada das trajetórias de aquisição, das redes de interação, dos espaços educacionais, das associações, das instituições, dos ambientes digitais e dos encontros entre sinalizantes. A heterogeneidade observada nesses espaços constitui objeto de investigação, e não obstáculo à definição da língua.

A noção de heterogeneidade estruturada permite compreender por que uma língua pode variar e continuar sistemática. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 689) retomam a tradição variacionista para mostrar que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam formas de uso. Nem toda variação leva à mudança, mas toda mudança supõe algum período de variação. Essa ideia desloca a análise de uma oposição entre "certo" e "errado" para questões como frequência, condicionamento, distribuição social, região, estilo, trajetória de aquisição e valor atribuído às variantes.

Na Libras, a variação aparece de modo claro em níveis fonético-fonológicos. Xavier e Barbosa (2014, p. 371-373) registraram diferenças na configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não manuais. O fato de um mesmo sujeito também variar mostra que a heterogeneidade não se limita a diferenças entre comunidades ou regiões. Um sinalizante pode dispor de mais de uma realização, e a escolha pode ser influenciada por contexto, estilo, velocidade,

coarticulação ou outras condições que precisam ser investigadas empiricamente.

Xavier e Barbosa (2017, p. 983-987) acrescentam que a existência de variação precisa ser analisada em relação à estabilidade. Em seus dados, algumas propriedades permaneceram recorrentes e outras variaram. O contraste demonstra que um sistema linguístico não depende de uniformidade absoluta. A identificação de uma unidade lexical resulta de um conjunto de pistas e restrições. Essa perspectiva é fundamental para evitar uma pedagogia normativa que trate qualquer diferença de realização como sinalização defeituosa.

A questão normativa ganha dimensão social quando variantes passam a ser hierarquizadas. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 696) chamam atenção para formas de intolerância linguística dentro do universo da Libras. Os autores observam que julgamentos sobre sinais "certos" e "errados" podem reproduzir preconceitos conhecidos nas línguas orais. O problema não consiste em negar a existência de convenções ou a necessidade de inteligibilidade, mas em transformar uma variedade particular em medida única de legitimidade e desconsiderar a história dos grupos que usam outras formas.

> Essa discussão é oportuna também para esclarecer aos profissionais da área de línguas de sinais sobre a intolerância que, muitas vezes, se fomenta sobre os diversos 'falares' das libras no Brasil. Muitos sinalizadores, pautados na ideia de que a sua forma de falar é a correta, estimulam a intolerância às questões

> da variação, e acabam por impor um julgamento daquilo que seriam para eles sinais “certos”, “errados”, “melhores” e “piores”. Esse processo é idêntico ao que vivenciamos nas línguas orais, identificado como preconceito linguístico. (Rodrigues; Almeida-Silva, 2017, p. 696).

A passagem explicita que a valorização da Libras como língua natural deve incluir a valorização de sua diversidade interna. Reconhecer variação não significa afirmar que toda forma é equivalente em qualquer situação. Significa investigar como as formas se distribuem, que valores sociais assumem, quais são mais frequentes em determinados grupos e como se tornam convencionais. A descrição sociolinguística substitui o julgamento intuitivo por análise sistemática e permite distinguir variação regional, estilística, socioletal, idioletal e mudanças em curso.

A trajetória de aquisição é outro elemento importante. Xavier e Barbosa (2017, p. 992) descrevem participantes com diferentes idades de contato inicial com a Libras, situação recorrente em comunidades surdas nas quais muitas crianças nascem em famílias que não utilizam a língua de sinais. Essa diversidade de trajetórias pode repercutir na produção e precisa ser considerada na constituição de amostras. A análise da variação em Libras, portanto, requer atenção a variáveis que nem sempre aparecem do mesmo modo em comunidades de línguas orais.

As redes sociais e comunitárias também importam. Batista (2024, p. 4-5) relaciona a percepção de variantes à vivência em espaços de encontro de pessoas surdas em Alagoas. Tais espaços favorecem circulação de formas, contato entre localidades e construção de identidades linguísticas. Santos e Azevedo (2024, p. 126) reforçam que a Sociolinguística precisa articular informações extralinguísticas à produção dos usuários, incluindo localização e outros fatores sociais. A comunidade, nesse sentido, é um espaço de compartilhamento de normas, mas também de circulação de diferenças.

A heterogeneidade pode ainda resultar do contato com outras línguas. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 692-693) discutem uma comunidade marcada por bilinguismo em graus variados, enquanto Machado e Quadros (2020, p. 171-173) descrevem empréstimos de outras línguas de sinais. Os contatos não produzem efeitos uniformes; dependem de redes, mobilidade, escolarização, eventos, tecnologias e frequência de interação. Por isso, a Sociolinguística da Libras precisa articular variação interna e contato linguístico, evitando interpretar toda forma inovadora como simples interferência externa.

A noção de heterogeneidade estruturada oferece, finalmente, uma base ética para a descrição. Quando a ciência reconhece que variação é propriedade das línguas, contribui para combater a ideia de que apenas uma forma regional ou institucional representa a Libras

legítima. Isso é particularmente importante em contextos educacionais e de formação profissional, nos quais escolhas de materiais, sinais e modelos de língua podem produzir hierarquias. A pesquisa sociolinguística não elimina a necessidade de convenções compartilhadas, mas fornece critérios para que elas sejam compreendidas historicamente e não naturalizadas como superiores por princípio.

A variação lexical é uma das dimensões mais visíveis da diversidade da Libras. Diferentes comunidades podem utilizar formas distintas para um mesmo campo semântico, e essas diferenças podem estar associadas a localização, redes de contato, geração ou história institucional. Batista (2024, p. 4) relata que a comparação entre capital e interior revela diferenças e que fatores sociais e culturais participam da dinâmica lexical. Ao investigar sinais de alimentos em Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca, o autor encontra um cenário no qual a região exerce papel importante na distribuição das variantes.

Os resultados quantitativos do estudo de Batista (2024, p. 21) são especialmente relevantes porque mostram que a variável regional apresentou o efeito mais significativo entre as dimensões analisadas. Participantes com escolaridades diferentes podiam compartilhar variantes, enquanto determinadas formas se distribuíam de maneira mais consistente por localidade. Isso não permite generalização para

toda a Libras, mas demonstra a necessidade de construir mapas e corpora capazes de registrar a distribuição geográfica dos sinais.

Santos e Azevedo (2024, p. 121-123) examinam a produção do sinal associado a camaleão em quatro municípios da região metropolitana de São Luís e encontram diversidade suficiente para recomendar ampliação da amostra e maior sistematização dos estudos. Os autores destacam que as línguas de sinais atravessam processos de variação e mudança próprios das línguas naturais. A investigação regional, nesse caso, não busca escolher uma forma correta, mas descrever a realidade sociolinguística das comunidades e verificar se as diferentes realizações podem ser tratadas como variantes da mesma variável.

A dimensão espacial se combina à temporal. Silva e Gonçalves (2021, p. 1-3) analisam registros antigos de materiais didáticos de instituições de Goiânia e identificam alterações lexicais. As autoras e o autor discutem que formas antigas e novas podem coexistir durante períodos de transição. A mudança, portanto, não ocorre de modo instantâneo: uma variante pode ampliar sua circulação, competir com outra e eventualmente substituí-la ou manter-se em coexistência. O léxico oferece evidências particularmente claras dessas transformações porque novos objetos, conceitos e redes sociais criam condições frequentes para inovação.

A ideia de que gerações podem apresentar comportamentos distintos aparece também na discussão de Silva e Gonçalves (2021, p. 3), que retomam trabalhos segundo os quais formas antigas tendem a permanecer com maior frequência entre usuários mais velhos, enquanto formas novas podem ganhar espaço entre mais jovens. Essa tendência precisa ser verificada em cada comunidade e não pode ser tomada como regra automática. Ainda assim, ela ajuda a formular hipóteses para estudos em tempo aparente e para comparações entre registros históricos e usos contemporâneos.

Variação regional e mudança lexical também se relacionam à mobilidade das pessoas surdas. Eventos, cursos, associações, universidades e redes digitais aproximam sinalizantes de diferentes origens. Machado e Quadros (2020, p. 171-180) mostram que contatos acadêmicos e tecnológicos podem facilitar circulação de itens de outras línguas de sinais. Em escala nacional, mecanismos semelhantes podem favorecer difusão de variantes entre regiões. Uma forma inicialmente localizada pode alcançar novas redes, ser adaptada e adquirir alcance mais amplo.

Essa circulação cria desafios para registros lexicográficos e materiais didáticos. Um dicionário ou glossário representa necessariamente uma seleção de formas, não a totalidade da diversidade existente. Quando materiais apresentam apenas uma variante sem informar sua localização ou alternativas, podem produzir

a impressão de que outras formas são inadequadas. Os estudos de Batista (2024, p. 4, 21) e Santos e Azevedo (2024, p. 121-126) mostram a importância de registrar localidade e perfil dos participantes para que a descrição lexical preserve informação sociolinguística.

A mesma cautela vale para a padronização terminológica em áreas acadêmicas e profissionais. A criação de sinais para conceitos especializados pode ser necessária, mas Carneiro (2016, p. 104-105) ressalta a participação da comunidade surda na ampliação lexical. A aceitação social de uma forma depende de circulação e reconhecimento. Processos institucionais de proposição de termos podem contribuir para a comunicação especializada, desde que não sejam confundidos com poder unilateral de determinar o léxico vivo da língua.

A diversidade regional, em síntese, deve ser tratada como dado linguístico. Ela permite compreender trajetórias históricas, contatos, identidades e mecanismos de mudança. Também oferece evidências para a formação de professores, tradutores, intérpretes e pesquisadores, que precisam lidar com variantes sem reduzir sua atuação a uma única variedade. Uma educação linguística informada pela Sociolinguística pode ensinar convenções de circulação ampla e, simultaneamente, reconhecer formas locais e explicar seus contextos de uso.

O contato linguístico é parte constitutiva da experiência de muitos usuários da Libras. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 692) descrevem a comunidade surda em contexto bilíngue, com diferentes graus de fluência em línguas de sinais e na língua oral majoritária. O contato pode produzir empréstimos lexicais e efeitos em outros níveis da gramática. Tal processo não é peculiar à Libras: línguas que coexistem socialmente influenciam-se em diferentes graus, de acordo com relações de poder, frequência de interação, funções sociais e trajetórias dos falantes ou sinalizantes.

Machado e Quadros (2020, p. 171-173) investigam especificamente empréstimos de outras línguas de sinais para a Libras. O corpus inclui videoaulas de disciplinas de um curso de Letras Libras, e os autores identificam unidades lexicais relacionadas a contatos entre línguas sinalizadas. A pesquisa é importante por deslocar a discussão do contato exclusivamente Libras-português e mostrar que comunidades surdas participam de redes transnacionais, eventos e ambientes acadêmicos nos quais diferentes línguas de sinais se encontram.

Os autores explicam que línguas entram em contato por migrações, fronteiras, ciência, tecnologia, comércio, meios de comunicação e globalização, entre outras condições (Machado; Quadros, 2020, p. 172-173). Na atualidade, vídeos e redes sociais ampliam significativamente as oportunidades de exposição a sinais de

outras comunidades. Isso pode acelerar circulação de formas, especialmente em áreas especializadas nas quais um grupo procura soluções já existentes em outra língua sinalizada.

O empréstimo, entretanto, não precisa permanecer formalmente idêntico à língua de origem. Machado e Quadros (2020, p. 178-180) observam que itens estrangeiros podem sofrer adaptações às restrições de formação dos sinais e, com o tempo, aproximar-se do núcleo lexical da Libras. Esse processo é comparável à integração de empréstimos em línguas orais: a origem histórica de uma palavra não impede que ela passe a funcionar de acordo com padrões fonológicos, morfológicos e semânticos da língua receptora.

O contato com o português apresenta mecanismos particulares, especialmente por meio da escrita e da datilologia. Diniz (2020, p. 452-453) caracteriza a datilologia como soletração manual de palavras do português e demonstra que sua realização pode apresentar variação e assimilação. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 692-693) discutem sinais soletrados que passam por alterações prosódicas e reduções, aproximando-se do léxico nativo. Esses processos mostram que elementos associados à língua oral não permanecem necessariamente externos à gramática da Libras.

A ampliação lexical também pode ocorrer sem empréstimo direto. Carneiro (2016, p. 104-105, 115) mostra estratégias de criação relacionadas à experiência visual e a características dos referentes.

Xavier e Ferreira (2021, p. 378-381) descrevem como seleção, esquematização e codificação podem transformar um conceito em forma linguística. Assim, uma necessidade de nomeação pode ser respondida por empréstimo, criação interna, composição ou diferentes combinações de recursos. A escolha que se estabiliza depende da circulação comunitária.

Do ponto de vista sociolinguístico, a avaliação dos empréstimos merece atenção. Formas de origem estrangeira ou associadas ao português podem receber julgamentos negativos, especialmente quando são vistas como ameaça a uma suposta pureza linguística. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 693-696) alertam que ideologias de homogeneidade podem gerar intolerância. A descrição científica precisa distinguir discussão sobre adequação, inteligibilidade e frequência de um julgamento purista que desconsidera a história de contato das línguas.

Contato e expansão lexical revelam, portanto, a vitalidade da Libras. Uma língua usada em novos campos precisa nomear novas experiências, e uma comunidade conectada a outras redes inevitavelmente participa de trocas. A questão linguística relevante não é impedir o contato, mas compreender como as formas entram, são adaptadas, disputadas e convencionalizadas. Esse processo reforça o papel da comunidade surda como agente de transformação do sistema.

A análise dos usos sociais permite observar a gramática em funcionamento. A Libras circula em conversas cotidianas, escolas, universidades, associações, ambientes profissionais, produções culturais, redes sociais e espaços digitais. Cada domínio impõe necessidades comunicativas e gêneros discursivos específicos. Carneiro (2016, p. 104-105) relaciona a expansão dos espaços de circulação à ampliação lexical, demonstrando que mudanças sociais criam demandas linguísticas. A língua cresce porque seus usuários precisam produzir conhecimento, narrar experiências, nomear instituições, discutir conceitos e interagir em novas situações.

Os ambientes digitais têm papel particular porque o vídeo favorece circulação direta de uma língua visuoespacial. Máximo (2024, p. 896-900) utiliza vídeos naturalísticos produzidos por pessoas surdas no YouTube e no Instagram como parte de seu corpus, evidenciando o potencial dessas plataformas para registrar usos efetivos. Machado e Quadros (2020, p. 171-180) também destacam tecnologias e videoaulas na circulação de formas e empréstimos. O ambiente digital, portanto, é simultaneamente espaço de uso, fonte de dados e meio de contato linguístico.

A centralidade do corpo nos usos sociais aparece nas discussões sobre multimodalidade. Porto (2021, p. 1, 23) analisa a relação entre gestos e sinais em narrativa e mostra que ações manuais podem desempenhar funções difíceis de classificar por categorias

rígidas. Em contextos de ação construída, uma mesma ação pode participar da representação do personagem e da organização semiótica da narrativa. A análise sugere que a fronteira entre gesto e língua precisa ser tratada com ferramentas capazes de considerar o caráter corporal e multimodal da comunicação.

Essa perspectiva não enfraquece a noção de estrutura. Ao contrário, permite compreender que sinais convencionalizados, gestos recorrentes, ações construídas e expressões não manuais podem coexistir em uma mesma produção sem que todos tenham o mesmo estatuto linguístico. O desafio do pesquisador é identificar funções, graus de convencionalidade e relações contextuais. Porto (2021, p. 23) conclui que a aproximação entre estudos do gesto e linguística das línguas de sinais contribui para uma compreensão mais ampla das línguas humanas e de sua multimodalidade inerente.

A semântica em uso também exige atenção à comunidade. Leite *et al*. (2022, p. 2-3) observam que sinalizantes proficientes possuem conhecimento tácito de nuances de significado que aparece de modo mais claro em interações e julgamentos sobre contextos. A pesquisa linguística precisa criar procedimentos para acessar esse conhecimento sem subordinar previamente os sinais às categorias do português. Esse princípio valoriza a Libras como metalinguagem e reconhece pessoas surdas não apenas como fornecedoras de dados,

mas como participantes do processo de produção de conhecimento sobre a língua.

A variação regional reforça esse protagonismo. Batista (2024, p. 4-5) relaciona sua investigação à vivência na comunidade surda de Alagoas e aos contatos estabelecidos em instituições e eventos. Santos e Azevedo (2024, p. 121-126) defendem a necessidade de ampliar a descrição sociolinguística das comunidades maranhenses. Esses estudos mostram que o conhecimento linguístico local é indispensável para interpretar variantes, compreender redes de circulação e selecionar participantes representativos.

O uso social também produz avaliações e ideologias. Uma forma pode ser percebida como tradicional, jovem, regional, escolarizada, estrangeira, formal ou informal. Rodrigues e Almeida-Silva (2017, p. 696) mostram que essas avaliações podem chegar ao preconceito linguístico quando diferenças são transformadas em hierarquias rígidas. A comunidade não é homogênea em suas opiniões, e a pesquisa deve registrar tanto as formas quanto os sentidos sociais atribuídos a elas. Uma Sociolinguística da Libras precisa, assim, investigar práticas e atitudes linguísticas.

A relação entre Libras e português é outro eixo dos usos sociais. Leite *et al*. (2022, p. 3) observam que o recurso a palavras do português para explicar sinais é comum em situações de bilinguismo. Machado e Quadros (2020, p. 178) descrevem empréstimos

associados à proximidade entre as línguas no mesmo território. Esses fatos não autorizam concluir que a Libras é dependente do português. Eles mostram, antes, que seus usuários vivem em uma sociedade multilíngue e multimodal e desenvolvem repertórios adequados a diferentes interlocutores e contextos.

Compreender os usos sociais da Libras implica, por fim, reconhecer que a comunidade surda atua na manutenção e na transformação da língua. Novas formas tornam-se socialmente relevantes quando são utilizadas, negociadas e compreendidas. Variantes permanecem ou desaparecem conforme redes de interação; empréstimos são aceitos, adaptados ou rejeitados; sinais especializados circulam entre universidades e grupos profissionais; práticas digitais ampliam o alcance de formas antes locais. A gramática oferece possibilidades e restrições, mas são os usos que atualizam essas possibilidades e produzem história linguística.

A articulação entre estrutura e uso evita dois extremos: uma descrição formal que ignore sujeitos e contextos e uma abordagem social que trate a língua como conjunto livre de escolhas sem organização. Os estudos examinados demonstram que a Libras é simultaneamente sistemática e variável, convencional e produtiva, histórica e contemporânea. A centralidade da comunidade surda decorre exatamente dessa articulação: é no uso coletivo que o sistema é transmitido, diversificado, interpretado e renovado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida neste artigo evidencia que a Linguística da Libras se fortalece quando estrutura gramatical, variação sociolinguística e usos sociais são analisados de maneira integrada. Os estudos examinados demonstram que a modalidade visuoespacial mobiliza recursos manuais, faciais, corporais e espaciais que se organizam segundo regularidades. Configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e expressões não manuais não constituem uma coleção de gestos isolados: participam de unidades, contrastes, processos prosódicos, relações sintáticas e construções de significado.

A fonologia e a prosódia mostram com clareza essa complexidade. Passos (2026, p. 2-7) recupera a tradição de descrição dos parâmetros e discute a necessidade de aprofundar instrumentos específicos para a fonética e a fonologia da Libras. Xavier e Barbosa (2014, p. 371-373; 2017, p. 983-997) evidenciam que diferentes produções podem combinar variabilidade e estabilidade. Souza e Battisti (2021, p. 379-380) e Paiva *et al*. (2018, p. 1152-1156) demonstram o papel linguístico das expressões não manuais em prosódia e intensificação. Paraíso Garcia e Lourenço (2024, p. 922-933) mostram que essas marcas também são relevantes na negação.

No plano morfológico e lexical, a iconicidade precisa ser compreendida como recurso linguístico e não como negação da arbitrariedade. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 1-7) demonstram que motivação pode assumir diferentes formas, enquanto Xavier e Ferreira (2021, p. 349-350, 378-381) descrevem a seleção e a codificação de aspectos visuais em processos de formação de sinais. Carneiro (2016, p. 104-115) associa ampliação lexical à experiência visual e à circulação social da Libras. Esses trabalhos confirmam que a língua dispõe de mecanismos produtivos para responder a novas necessidades de nomeação.

A sintaxe e a semântica, por sua vez, revelam relações entre ordem, espaço, marcações não manuais e composição de significado. Máximo (2024, p. 900, 914-915) mostra que níveis gramaticais podem ser compreendidos por interfaces e que a natureza visual e espacial não elimina restrições sintáticas. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020, p. 311-321) demonstram que modificações na forma dos predicados podem produzir leituras de intensidade. Leite *et al*. (2022, p. 1-3) alertam para a necessidade de não confundir glosas em português com a semântica dos sinais, defendendo investigação que considere relações internas da Libras.

A perspectiva sociolinguística confirma que a heterogeneidade é constitutiva da língua. Estudos em Alagoas, Maranhão e Goiás registram variação regional e mudança lexical, enquanto pesquisas

fonético-fonológicas mostram diferenças intra e intersujeito. Esses resultados tornam insustentável a concepção de uma Libras absolutamente uniforme. A existência de variantes não diminui a legitimidade da língua; ao contrário, aproxima sua descrição do comportamento esperado de sistemas naturais em uso. A análise científica deve investigar condicionamentos e distribuição das formas, em vez de converter diferenças em erros.

O contato linguístico amplia essa dinâmica. Machado e Quadros (2020, p. 171-180) evidenciam empréstimos de outras línguas de sinais, e Diniz (2020, p. 452-453) mostra processos fonético-fonológicos em formas relacionadas à datilologia. A coexistência da Libras com o português e o contato com outras línguas sinalizadas fazem parte da experiência social de seus usuários. Empréstimos podem ser adaptados, convencionalizados e incorporados ao léxico, demonstrando que mudança e contato são dimensões da vitalidade linguística, não sinais de perda de estrutura.

Também se conclui que o protagonismo da comunidade surda é indispensável. A comunidade participa da criação e estabilização de sinais, da circulação de variantes, da avaliação de formas e da construção de significados. Espaços associativos, educacionais, acadêmicos e digitais funcionam como redes nas quais a língua se mantém e se transforma. Uma pesquisa que ignore essas redes corre o

risco de produzir uma descrição abstrata e insuficiente, especialmente quando pretende explicar variação, mudança ou inovação lexical.

A integração entre descrição formal e Sociolinguística tem ainda implicações educacionais. Materiais didáticos, glossários e práticas de ensino podem apresentar formas de circulação ampla sem apagar variantes regionais. Professores, tradutores, intérpretes e pesquisadores precisam reconhecer que diferenças de sinalização podem ter explicações históricas, fonológicas e sociais. A formação linguística deve, portanto, incluir reflexão sobre diversidade e preconceito, favorecendo atitudes que distinguam inteligibilidade e adequação contextual de julgamentos de superioridade entre variedades.

Diante disso, a Libras deve ser compreendida como uma língua estruturada, variável, produtiva e socialmente situada. Sua gramática não existe fora dos usos, e seus usos não se realizam fora das possibilidades do sistema. O avanço da área depende de ampliação de corpora, pesquisas regionais, registros históricos, estudos sobre prosódia e semântica, análises de contato e participação efetiva de pessoas surdas na produção de conhecimento. Ao reconhecer simultaneamente estrutura, heterogeneidade e práticas sociais, a Linguística da Libras pode oferecer descrições mais precisas da língua e contribuir para a valorização de sua diversidade na comunidade surda brasileira.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Jerlan Pereira. Uma descrição da variação lexical de sinais de alimentos em Libras em três municípios alagoanos. **Revista GTLex,** Uberlândia, v. 9, e0916, 2024. DOI: https://doi.org/10.14393/Lex-v9a2023/24-16. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/72941. Acesso em: 5 jul. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 104-119, jan./jun. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/2840. Acesso em: 9 jul. 2026.

DINIZ, Heloise Gripp. Descrição da variação fonético-fonológica na letra manual "E" em Libras. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 452-459, set./dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a37488. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/37488. Acesso em: 13 jul. 2026.

LEITE, Tarcisio de Arantes; AMPESSAN, João Paulo; BOLDO, Jaqueline; LOHN, Juliana Tasca; AZEVEDO, Graciete Soares de Oliveira. Semântica lexical na libras: libertando-se da tirania das glosas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-23, 2022. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1833. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833. Acesso em: 17 jul. 2026.

MACHADO, Rodrigo Nogueira; QUADROS, Ronice Müller de. Contato linguístico em Libras: um estudo descritivo da influência de outras línguas de sinais na Libras. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 170-197, set./dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a33484. Disponível

em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33484. Acesso em: 21 jul. 2026.

MÁXIMO, Nídia. Uma tipologia linguística para a Libras. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 896-921, 2024. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2205. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2205. Acesso em: 25 jul. 2026.

MEDEIROS, Davi Vieira; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. Icônico ou arbitrário? Motivado ou imotivado? Diferentes tipos de motivação em sinais da Libras. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-29, 2021. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1748. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1748. Acesso em: 29 jul. 2026.

PAIVA, Francisco Aulísio dos Santos; BARBOSA, Plínio Almeida; DE MARTINO, José Mario; WILL, Ackley Dias; OLIVEIRA, Márcia Regina Nepomuceno dos Santos; SILVA, Ivani Rodrigues; XAVIER, André Nogueira. Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em libras. **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1135-1158, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-445069907579551549. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/ZkwFT3Nh3ncD4z8TpzjDK4d/. Acesso em: 2 ago. 2026.

PARAÍSO GARCIA, Rosani Kristine; LOURENÇO, Guilherme. Negação em Língua Brasileira de Sinais: uma descrição baseada em corpus. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 922-946, 2024. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2171. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2171. Acesso em: 6 ago. 2026.

PASSOS, Alessandra Figueiredo Kraus. Palavras fonológicas nas línguas de oralidade x sinais fonológicos na língua brasileira de sinais. **DELTA**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 1-25, 2026. DOI: https://doi.org/10.1590/1678-460X202642264070. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/W43N7L987Bzz6swFdVnxg9h/. Acesso em: 10 ago. 2026.

PORTO, Marcelo. Relação gestos/sinais em Libras: uma análise baseada no contínuo de Cornelia Müller. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1875. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1875. Acesso em: 14 ago. 2026.

RODRIGUES, Angelica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 686-698, 2017. DOI: https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1673. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1673. Acesso em: 18 ago. 2026.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; SEGALA, Rimar Ramalho; XAVIER, André Nogueira. Descrição e análise semânticas da intensidade em Libras. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 311-331, set./dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a37455. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/37455. Acesso em: 20 ago. 2026.

SANTOS, Wendel Silva dos; AZEVEDO, Renan Pires. A cartografia dos sinais: um estudo de variação lexical em Libras entre surdos residentes da região metropolitana de São Luís, Maranhão. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 121-148, 2024. DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2024.e94730. Disponível

em:
https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/94730. Acesso em: 22 ago. 2026.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, e63237, 2021. DOI: https://doi.org/10.5216/Sig.v32.63237. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63237. Acesso em: 24 ago. 2026.

SOUZA, Diego Teixeira de; BATTISTI, Elisa. O papel das expressões não manuais na delimitação de constituintes prosódicos. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 361-382, jul./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.14393/LL63-v37n2-2021-17. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57477. Acesso em: 26 ago. 2026.

STOKOE, William C. Sign language structure: an outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, Buffalo, n. 8, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983-1006, jul./set. 2017. DOI: https://doi.org/10.14393/DL30-v11n3a2017-25. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297. Acesso em: 28 ago. 2026.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-445069770367936329. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/delta/a/JYp8vDhjDGHwXjrbX8h8YLC/. Acesso em: 29 ago. 2026.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349-382, jul./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n2a40803. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40803. Acesso em: 30 ago. 2026.